

Entrevista com a Profa. Cecília Salgado



1. Conte-nos onde nasceu e como foi a sua infância, falando os nomes de seus pais e da formação acadêmica deles.

Eu nasci no Rio de Janeiro. Minha infância foi muito bacana. Sempre brinquei muito na rua e passei muito tempo na praia. Tenho família grande, cheia de primas e primos. Sempre estávamos em bando, unidos, brincando. Pratiquei muitos esportes e danças. Meus pais, Teresa e Marco, são ambos professores universitários. Minha mãe é da área de literatura, e meu pai era da área médica e hoje é escritor. Quando era pequena, minha mãe era professora do município e fazia o doutorado ao mesmo tempo. Os dois sempre estudaram muito e correram atrás de tudo que achavam importante. Foram e ainda são um grande exemplo para mim.

2. Conte-nos como se deu a sua opção pela matemática?

Sempre gostei de todas as matérias na escola. Desde de física, química a literatura, história e educação física. A escolha pela matemática foi se construindo aos poucos. Chegou um momento no qual esta me parecia a escolha que abria mais portas, por ser tão útil para tantas outras possíveis



carreiras. Por muito tempo quis ser astronauta. Ganhei muitos livros sobre astronomia para leigos do meu pai quando era pré-adolescente e sempre gostei de refletir sobre matemática, sobre problemas e possíveis soluções desde cedo.

3. Seus pais a incentivaram ou eles tentaram fazer com que escolhesse outra área para realizar a graduação?

Meus pais não só me incentivaram, mas também sempre buscaram me mostrar várias opções para que eu pudesse fazer escolhas conscientes. Pratiquei vários esportes, danças, tive acesso a todo tipo de literatura e línguas através da minha mãe e minha avó, e ao mundo da biologia e medicina, pelo meu pai.

4. Como foi a sua graduação? Haviam muitas alunas nas turmas?

Não éramos muitas alunas. Ainda assim, a graduação foi um momento muito bacana. Foi quando me dei conta que era isso mesmo que eu queria fazer: matemática. Fiz boas amigas e bons amigos. Tínhamos um grupo unido e estudávamos juntos, nos apoiávamos, conversávamos muito. Isso é muito importante. Tive boas professoras e bons professores. O Adílson Gonçalves, algebrista fantástico, foi quem mais me incentivou quando viu que eu gostava da sua matéria. Ele foi meu orientador de IC, o momento no qual comecei a descobrir o gosto pela pesquisa. Foi muito importante para mim a sensação de pertencimento que tive naquele momento, graças às colegas e a professoras e professores.

5. Por que sua escolha foi a área de Geometria Algébrica?

A escolha pela geometria algébrica também foi aos poucos. Me encantei pelos cursos de álgebra na graduação. Segui para o doutorado com interesse em teoria dos números. Meu orientador, Marc Hindry, é um grande teórico dos números (geômetra aritmético). O problema que ele me sugeriu parecia, a princípio, que seria resolvido com técnicas de teoria dos números, como funções altas. Só que fui estudando cada vez mais geometria e quando vi, tinha resolvido o problema usando geometria algébrica. Vi então a força da geometria para lidar com problemas aritméticos e me apaixonei pela área.

6. Onde realizou o Mestrado, Doutorado?



Fiz mestrado no IMPA e doutorado em Paris VII, na França.

7. Fale sobre sua pesquisa em uma linguagem simples.

Eu sou geômetra aritmética. Isso quer dizer que eu lido com problemas de natureza aritmética através de ferramentas da geometria algébrica. A geometria algébrica estuda objetos geométricos descritos via conjuntos de soluções de equações polinomiais. Eu estudo como traduzir problemas da teoria dos números nesses objetos para então poder resolver tais problemas.

8. Você já sentiu algum tipo de preconceito no meio acadêmico por ser mulher?

Sim. Muitas vezes só nos damos conta anos depois. Sofri preconceito vindo de alunos, colegas meus, na época de graduação e mestrado. Depois, já professora, escutei frases bastante machistas de colegas de trabalho, e respondo a todas elas com a firmeza que esse tipo de comentário merece.

9. Se tem filhos, conte-nos das dificuldades de conciliar a maternidade e os estudos. Se não tem filhos, conte-nos se isso foi uma opção relacionada a carreira.

Tenho dois filhos. Tive a primeira filha no pós-doc e o segundo no meu segundo ano como professora na UFRJ. Deixei de participar de eventos e ainda faço escolhas pautadas pela família, mas consigo conciliar carreira e maternidade graças a uma ótima rede de apoio que tenho dentro da minha família. Durante o pós-doc, minha sogra trazia minha filha ao instituto na Alemanha para eu amamentar. Hoje em dia, contamos com apoio enorme dos meus pais e meus sogros. É fundamental termos apoio de um grupo. Não é tarefa só da mãe, como muitos pensam, criar os filhos.

10. Quando e como a relação gênero-ciência começaram a ser um tema de reflexão para você?

Depois que retornei ao Brasil como professora. Passei a prestar atenção às minhas alunas e colegas e comecei a ver claramente o preconceito a minha volta.



11. Conte-nos como foi ter sido contemplada com o Prêmio L'Oreal.

O prêmio da L'Óreal foi muito importante para mim. Graças a ele, pude custear a vinda de meus filhos comigo em um estágio de pesquisa de 3 meses na Alemanha. Ele também trouxe visibilidade para minha pesquisa.

12. Deixe uma mensagem para as meninas, com a finalidade de mostrar-lhes que é possível seguir a carreira em matemática ou áreas afins, como engenharia e ciência da computação.

Gostaria de ver todas as meninas e mulheres se unindo, se apoiando. Juntas somos mais fortes, vamos mais longe. Criem laços com colegas, busquem apoio, e não se aceitem ou calem diante do preconceito. Isso é importante para todas as áreas, mas é mais importante ainda para as que querem seguir carreira na matemática, ou em outras áreas predominantemente masculinas. Que possamos criar um ambiente, onde seja você quem diz o que é possível para você. Que seus limites sejam estabelecidos por você mesma, nunca pelos outros.

